

MIGLIORI, Maurizio (org.). *Il dibattito etico e politico in Grecia tra il V e il IV secolo*. Istituto Italiano per gli Studi Filosofici. Nápoles: La Città Del Sole, 2000, 580 p.

O volume em questão recolhe as atas de duas sessões de um simpósio, realizadas de 2 de fevereiro a 1º de março de 1996 e de 26 a 28 de fevereiro de 1997, organizado pelo Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Macerata, em colaboração com o Instituto Italiano para os Estudos Filosóficos de Nápoles. A organização e edição do material foram feitas pelo Grupo de Trabalho do Seminário de Filosofia Antiga da Universidade de Macerata, sob a coordenação de Maurizio Migliori. Além dos textos das 21 comunicações apresentadas no congresso, a edição apresenta no final dois preciosos índices: um dos nomes antigos, o outro dos autores modernos, iniciativa tanto mais louvável quanto menos usual nesse tipo de publicação coletiva.

A unidade do volume é dada pelo tema geral do simpósio, que reuniu especialistas mundialmente reconhecidos em diferentes áreas da filosofia grega clássica, alguns deles conhecidos entre nós pelas suas obras traduzidas, como Giovanni Reale e Enrico Berti. Das 21 comunicações, 11 referem-se diretamente à obra de Platão e 5 à obra de Aristóteles. Das restantes, uma é sobre Sócrates, uma sobre os sofistas, uma sobre Isócrates, uma sobre os cínicos e uma de caráter geral sobre o contraste entre *nómos* e *phýsis* no período em questão.

No espaço de uma resenha, é impossível analisar o conteúdo de todas as comunicações e seria extremamente proble-

mático privilegiar algumas em detrimento de outras nesta análise. Por isso, parece-me mais conveniente chamar a atenção do leitor para algumas linhas comuns aos dois grandes grupos de comunicações: o que se centra sobre Platão e o que analisa a obra de Aristóteles. Das 11 comunicações sobre a obra de Platão, duas analisam aspectos específicos do *Crítion*, duas consideram questões específicas da *República*, uma centra-se sobre o *Teeteto* e uma sobre o *Político*. As outras cinco comunicações tratam de temas transversais a toda a obra de Platão, como a reflexão de Stefania Nonvel Pieri sobre “A responsabilidade ética e política da arte em Platão”, a de Lídia Palumbo, sobre “Platão e o medo”, na qual analisa o registro lingüístico utilizado pelo filósofo para distinguir as coisas que ele considera temíveis das que não o são e que, amiúde, só são expressas de maneira camuflada. Ainda sobre aspectos transversais da obra de Platão, quero destacar a erudita comunicação de Arianna Fermani sobre “Platão e a retórica: Isócrates e Lísias”, concentrada na análise da parte final do *Fedro*, na qual Platão põe Isócrates e Lísias em estreita correlação, confrontando-os entre si e, a partir desse confronto, emitindo o seu juízo pessoal sobre a retórica.

Das 5 comunicações sobre Aristóteles, que analisam aspectos particulares do seu pensamento ético-político, como a relação entre “responsabilidade e determinismo na ética aristotélica”, desenvolvida por

Carlo Natali, ou “a noção de sociedade política em Aristóteles”, feita por Enrico Berti, ou ainda a questão da rotação do poder, analisada por Guisepppe Cambiano, destaco a instigante comunicação de Luciana Repici intitulada *Aristóteles, Teofrasto e o problema de uma justiça diante das plantas*. Como explica a autora, ao perguntar sobre a existência de comportamentos diante das plantas, que podem ser definidos como justos ou injustos, ela não estava buscando rastros de uma consciência ecológica *ante litteram* nem provas da inexistência de uma sensibilidade ambiental, mas buscava apenas “motivações filosóficas que, em Aristóteles como em Teofrasto, justificassem as atitudes diante das plantas enquanto seres de natureza e habitantes do mesmo mundo do homem e dos animais” (p. 545).

Chamo a atenção do leitor para a comunicação do grande especialista nas assim chamadas escolas socráticas menores,

Gabriele Giannantoni sobre *Os cínicos diante da pólis*, na qual analisa cuidadosamente a questão da polêmica dos cínicos contra a cultura, bem como as diferentes interpretações antigas e contemporâneas dessa polêmica, e conclui afirmando a inexistência de um verdadeiro pensamento político e de uma reflexão consciente e sistemática sobre temas políticos, “a ponto de configurar uma filosofia política do cinismo enquanto escola filosófica” (p. 152).

A amplidão da temática traduzida pelo título da obra e a acuidade dos autores no tratamento dos diferentes aspectos dessa problemática fazem da obra organizada por Maurizio Migliori uma sementeira de inspirações para os estudiosos do pensamento ético-político grego nos séculos V-IV a.C.

Marcelo Perine

PUCSP/CNPq

m.perine@superig.com.br

BRAVO, Francisco. *Estudios de filosofía griega*. Caracas: Comisión de Estudios de Postgrado, Facultad de Humanidades y Educación, Universidad Central de Venezuela, 2001. 363 p. (Colección Monografías) [fbravovi@yahoo.com.ve]

Em uma de suas mais recentes obras, *Estudios de filosofía griega*, Francisco Bravo, especialista em filosofia grega antiga, doutor pela Universidade de Sorbonne e professor titular da Universidad Central da Venezuela, traz uma coletânea de vários de seus artigos ou ensaios já apresentados em momentos anteriores — apenas dois artigos desse livro são inéditos: *A natureza da ação segundo Aristóteles* e *Modelos de constituição política segundo Aristóteles* — mas que continuam a despertar o interesse e a promover uma reflexão sobre a filosofia grega e seus maiores expoentes: Platão e Aristóteles.

O livro se divide em quatro partes: I – Problemas lingüísticos, lógicos e metodológicos; II – Problemas ontológicos; III – Problemas éticos e políticos; e finalmente, IV – Problemas relativos à filosofia da ação. O principal elo de ligação entre essas distintas partes é, segundo o próprio autor, “os problemas de caráter ontológico, alguns dos quais são analisados na segunda parte desta coletânea” (Prólogo, p. 12). Além disso, vale ressaltar que o autor, para tratar dessas diversas questões, mesmo sem estabelecer um objetivo específico a ser alcançado — afora o conhecimento propriamente dito — acaba por realizar um “delicioso” passeio filosófico pelas grandes obras dos mestres da Grécia antiga. As diversas citações e inúmeras referências bibliográficas que aparecem

nas notas de rodapé ao longo do texto servem para mostrar não somente quão extenso é o universo de discussão da filosofia grega, inclusive na época atual, mas também como visões distintas e às vezes até mesmo contraditórias podem contribuir significativamente para ampliar e estimular as investigações sobre esse que talvez tenha sido o mais original e desafiante pensamento do mundo ocidental.

O texto desenvolve-se de forma clara e fluida, sem “malabarismos verbais” que costumam desorientar o leitor pouco familiarizado com esse tipo de filosofia, e ao mesmo tempo, não cai em um “reducionismo simplista”. A exceção encontra-se no artigo intitulado *A ontologia da definição no Político de Platão*, em que excessivas citações em grego — utilizando-se do alfabeto grego, inclusive — tornam a leitura para aqueles com pouco domínio do idioma bastante difícil. A primeira parte da coletânea, que trata principalmente das questões da linguagem, inicia com um brilhante artigo sobre a relação antitética entre *physis* e *nómos*, realizando uma pesquisa realmente abrangente sobre a origem e a evolução — ou para ele involução, no caso de *nómos* — dos termos ao longo da história. Na continuação, Bravo apresenta dois artigos que tratam das teorias da linguagem e do *status* de *ónoma* no *Crátilo* de Platão. Nesses dois artigos, o autor aborda as relações e

diferenças entre convencionalismo e naturalismo; apresenta uma teoria ideal da linguagem para Platão, que teria seu fundamento não em uma ontologia do fluxo, mas em uma ontologia da permanência (sua condição de possibilidade); descreve, ainda, a curiosa figura do “onomartugo”, uma espécie de demiurgo das palavras, aquele que é responsável pela construção do seu instrumento — o nome ou palavra — somente após contemplar o *eidos*, o nome em si; discute, afinal, a função da palavra (como signo, instrumento ou enunciado elementar) e com ela traz a discussão sobre a possibilidade ou não do erro e da verdade.

A primeira parte termina com um ensaio sobre a *Teoria da definição no Mênon* que, segundo o autor, “representa, na evolução do pensamento platônico, uma mudança de configuração mental”. É aqui que, após amplas discussões sobre a natureza da definição e seu *status* epistemológico, aparecem as Formas como único objeto do conhecimento verdadeiro.

Na segunda parte, em que trata dos problemas ontológicos, o destaque fica por conta dos textos que refletem sobre o prazer, principalmente aquele intitulado “A natureza do prazer na filosofia de Platão”. Neste texto, o prazer vai ganhando diversas roupagens, deixando seu caráter de estado ou atividade para assumir uma natureza de “processo de preenchimento” (*repleção*); o prazer é pensado não como sensação, mas como “atenção”, até chegar a ser “opinião” e, portanto, poder ser analisado sob um critério de verdade, o que torna possível dizer da existência de prazeres verdadeiros e falsos. Ao final, uma abordagem sobre o elemento formal do prazer: sua medida. O artigo não é muito extenso e deixa, pela leveza do seu discurs-

so e pelo caráter instigante de seu tema, um certo “gosto de quero mais”. Para encerrar este bloco, Bravo aponta a discussão atual sobre a crítica de Aristóteles à forma platônica do Bem. Esta análise é o gancho perfeito para o próximo item do livro: “Problemas éticos e políticos”. No entanto, essa ponte fica comprometida, uma vez que o primeiro artigo dessa terceira parte, intitulado “O hedonismo de Sócrates”, volta a abordar a questão do prazer, concentrando sua análise em um dos primeiros diálogos de Platão: *Protágoras*. Desse modo, ocorre uma espécie de salto na linha de raciocínio do leitor que teria maior sentido se o autor deslocasse esse artigo para o bloco anterior, com o qual ele apresentaria mais sinergia. Os demais textos desse item, *Quem é e o que ensina o Trásimaco da República?*, *O domínio da ética em Aristóteles* e “Modelo de constituições políticas segundo Aristóteles” são estudos bastante cuidadosos e estão totalmente alinhados ao tema da ética e da política.

Na última parte, o autor trata dos problemas relativos à filosofia da ação de Aristóteles e sua análise gira em torno da problemática da ação: seus aspectos ontológicos e sua possível definição, por meio de uma análise das convergências e divergências entre movimento (*kinesis*) e atividade (*energeia*) e, conseqüentemente, entre limite (*peras*) e finalidade (*telos*) e uma investigação sobre as analogias entre ação e deliberação e entre desejo e intelecto. O último artigo trata da questão da *praxis versus técnica*, apresentando as diferentes visões que possuem as duas principais correntes neo-aristotélicas: a corrente inglesa, mais analítica, que conta com J. L. Ackrill e D. Charles e a corrente de raízes germânicas, autodenominada “reabilitação

da filosofia prática”, e que tem entre seus representantes H.-G. Gadamer, O. Gigon e R. Bubner. Apenas uma pequena observação: este último artigo apresenta um problema nas suas notas de rodapé. Como existem duas notas com o número 3, a partir da nota 4 todas as notas de rodapé apresentam um número de defasagem, ou seja, quando no texto aparece uma nota x, esta precisa ser lida no rodapé como x+1. Por exemplo, à p. 357, onde aparece a palavra *bánansos*, com a nota 55, esta refere-se, na verdade, à nota 56, onde aparece a tradução para este termo. O leitor, ciente disso, ultrapassará esse problema de edição.

O valor desta coletânea é o de abordar de forma cuidadosa e a partir das mais distintas e idôneas perspectivas, alguns dos principais temas de discussão da filosofia grega antiga, sem a pretensão de encerrar o assunto ou encontrar a solução, mas abrir o leque para novas possibilidades de pensamento, que é, ou ao menos deveria ser, a tarefa fundamental da filosofia. Sem dúvida, dada sua acuidade e variabilidade temática, uma obra que auxiliará muito os investigadores de Filosofia Antiga.

Maria Paula Ferreira Curto
Pesquisadora da PUC-SP
(mpcurto@yahoo.com.br)